

SENTIDO E SIGNIFICADO DA CULTURA CORPORAL NA SOCIOLOGIA CRÍTICA DO ESPORTE

Bruno Beloli Milioli¹
Bruna Carolini De Bona²
Vidalcir Ortigara³

RESUMO

O contato com o mundo do esporte acontece desde muito cedo para o ser humano, através dos meios de comunicação, principalmente pela televisão, o que traz diferenças a cada telespectador. Nesses ambientes estabelece relação específica com o esporte, em que cada indivíduo apropria-se dos significados e seus sentidos. Neste aspecto nosso objetivo é investigar como as categorias de significado e sentido expressam-se na prática social da cultura corporal e seu processo de gênese no esporte moderno, isto é, sua significação. Todavia, com este estudo intentamos contribuir para a possibilidade de promover e esclarecer ações que elevem a consciência da sociedade, considerando caminhos diferentes para uma transformação social do esporte.

PALAVRAS-CHAVE: *Esporte; Significado e sentido; Transformação social do esporte.*

INTRODUÇÃO

O contato com o mundo do esporte acontece desde muito cedo para o ser humano, através dos meios de comunicação. Poucos, com maior proximidade ao esporte, acabam praticando-o em ruas, praças e escolas. Nesses ambientes estabelecem relações específicas com o esporte, em que cada indivíduo apropria-se dos significados e seus sentidos.

As vivências no esporte propiciam refletir sobre outras questões a respeito dos significados e os seus sentidos, tais como: compromisso, responsabilidade, sacrifício,

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica - PIBIC <http://lattes.cnpq.br/6928329447872186>

² Licenciada em Educação Física e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense –UNESC <http://lattes.cnpq.br/6449803501020075>

³ Licenciado em Educação Física e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. <http://lattes.cnpq.br/0570152053531223>

reconhecimento público de vitórias e derrotas (ASSIS, 2001). Uma análise mais pormenorizada nos permite compreender que o esporte moderno carrega características da sociedade capitalista, como competição, concorrência e rendimento. Analisando em outra perspectiva o esporte pode ser abordado nos aspectos do coletivo, da criatividade, da brincadeira, possibilitando o exame das suas possibilidades e limitações (MARINHO, 2010).

Essas características foram desenvolvidas histórica e culturalmente pelas relações sociais, considerando que tais elementos “[...] podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas.” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 38) Em outras palavras, o esporte só existe como produto da atividade humana. Estando essa atividade no contexto da sociabilidade capitalista, ela ocorre no contexto das contradições imanentes a esta sociedade, isto é, no conflito das classes sociais em luta.

A luta entre as classes sociais ocorre para afirmarem ou garantirem seus interesses.

[...] os interesses imediatos da classe trabalhadora, na qual se incluem as camadas populares, correspondem à sua necessidade de sobrevivência, à luta no cotidiano pelo direito ao emprego, ao salário, à alimentação, ao transporte, à habilitação, à saúde, à educação, enfim, às condições dignas de sobrevivência.

Os interesses imediatos da classe proprietária correspondem às suas necessidades de acumular riquezas, gerar mais renda, ampliar o consumo, o patrimônio, etc. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 24)

Segundo Lessa e Tonet (2008), a diferença de classe é a dimensão autêntica da existência humana que se sustenta na exploração do homem pelo homem, que acarreta na vida social a luta entre indivíduos. Portanto, a divisão da sociedade em classes é produto da própria atividade humana e não uma condição natural, biológica, do ser humano. Ao analisarmos o esporte, por exemplo, não podemos tomar a concorrência e a competição como elementos da natureza biológica do ser humano, mas como condição histórica, produto da atividade humana no processo de sua constituição como ser humano. “A luta de classes, os sentimentos humanos, ou mesmo uma obra de arte, são alguns exemplos que demonstram que a vida social é determinada por outros fatores que não biológicos, mas sociais.” (LESSA; TONET, 2008, p. 17)

O trabalho é a principal forma de sobrevivência humana, por meio a qual o ser humano produz a base material da sociedade e as bases para que se produza enquanto indivíduo.

O trabalho é o fundamento do ser social porque transforma a natureza na base material indispensável ao mundo dos homens. Ele possibilita que, ao transformarem a natureza, os homens também se transformem. E essa articulada transformação da natureza e dos indivíduos permite a constante construção de novas situações históricas, de novas relações sociais. (LESSA; TONET, 2008, p. 26)

Como afirmam os autores, a atividade vital do ser humano que assegura a vida de sua espécie é o trabalho. Dessa maneira, o homem é o único ser que, ao transformar a natureza de forma consciente, também se transforma. Tal transformação se dá por meio da objetivação de uma prévia-ideação, que resulta sempre da resposta a uma necessidade.

A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal. Justamente, [e] só por isso, ele é um ser genérico. Ou ele somente é um ser consciente, isto é, a sua própria vida lhe é objeto, precisamente porque é um ser genérico. Eis por que a sua atividade é livre. O trabalho estranhado inverte a relação a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz de sua atividade vital, de sua *essência*, apenas um meio para sua *existência*. (MARX, 2010, p. 84-85)

Em meio à sociedade, o homem se constitui como ser histórico na interação com a natureza. Ele e a natureza não são elementos isolados, mas estão em unidade, no qual a realidade social se dá pela atividade mediada do homem com a natureza. Sobre esse fator, Kosik (2002, p. 248-249) argumenta que

A realidade não é (autêntica) realidade *sem* o homem, assim como não é (somente) realidade do homem. É a realidade da natureza como totalidade absoluta, que é independente não só da consciência do homem, mas também da sua existência, e é realidade do homem que na natureza e como parte da natureza cria a realidade humano-social, que ultrapassa a natureza e na história define o próprio lugar no universo. O homem não vive em duas esferas diferentes, não habita, por uma parte do seu ser, na história, e pela outra, na natureza. *Como homem ele está junta e concomitantemente na natureza e na história*. Como ser histórico e, portanto social, ele humaniza a natureza, mas também a conhece e reconhece como totalidade absoluta, como *causa sui* suficiente a si mesma, como condição e pressuposto da humanização.

Com a divisão das classes sociais, a produção material realizada pela classe trabalhadora beneficia principalmente a classe dominante. O modo de produção atual determina que a força de trabalho proletária seja vendida como mercadoria, portanto “[...] a apropriação dos produtos da atividade humana dá-se sob uma forma social que aliena esses produtos da classe que produz”. (SAVIANI; DUARTE, 2010, p. 426)

Marx (2010, p. 80-81) explicita da seguinte forma essa condição:

A efetivação do trabalho tanto aparece como desefetivação que o trabalhador é desefetivado até morrer de fome. A objetivação tanto aparece como perda do objeto que o trabalhador é despojado dos objetos mais necessários não somente à vida, mas também dos objetos do trabalho. Sim, o trabalho mesmo se torna um objeto, do qual o trabalhador só pode se apossar com maiores esforços e com as mais extraordinárias interrupções. A apropriação do objeto tanto aparece como estranhamento que, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais fica sob o domínio do seu produto, do capital.

Na sociedade capitalista a produção do trabalhador entendida em termos materiais não é mais para consumo próprio, tende a converter tudo em mercadoria. O trabalho produz riqueza objetiva e subjetiva, mas nem uma nem outra podem ser plenamente apropriadas por aqueles que as produzem.

No capitalismo as relações sociais são instrumentos para o enriquecimento dos proprietários dos meios de produção. Uma das características que esse modo de produção assume é o consumo desenfreado de mercadorias, como necessidade criada pelo próprio sistema para poder objetivar sua pretensão, a obtenção do capital.

É nesse contexto de produção e reprodução da vida que o homem se aliena. “O estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna” (MARX, 2010, p. 82).

Ao dizer dos valores que o homem cria e propriamente não os tem, Marx esclarece a subordinação do homem ao objeto. Da mesma forma quando nos referimos ao objeto de estudo esporte, entendemos que ele também faz parte dessas leis econômicas, pois é uma construção do processo histórico no seio do conjunto das atividades humanas nesse modo de produção.

O esporte é fruto da condição humana e da transformação da natureza pelo homem, ou seja, fruto do trabalho humano socialmente referenciado. Para sua existência foram necessárias implementações de códigos de linguagem próprios e modificações na própria estrutura social. (MALINA; CESÁRIO, 2009, p. 29)

Compreendendo que esporte envolve sentidos e significados, destacamos esses conceitos no intuito de contribuir com a explicitação da prática social esporte, contribuindo para as possibilidades de superação da condição de alienação.

Segundo Leontiev (1978, p. 100-101) significação é

A generalização da realidade que é cristalizada e fixada num vetor sensível, ordinariamente a palavra ou locução. É a forma ideal, espiritual da cristalização da experiência e da prática sociais da humanidade. A sua esfera das representações de uma sociedade, a sua ciência, a sua língua existem enquanto sistemas de significação correspondentes. A significação pertence, portanto, antes demais ao mundo dos fenômenos objetivamente históricos. É deste fato que devemos partir [...] No decurso da sua vida, o homem assimila as experiências das gerações precedentes: este processo realiza-se precisamente sob a forma da aquisição das significações e na medida desta aquisição. A significação é, portanto, a forma sob a qual um homem assimila a experiência humana generalizada e refletida.

Ocorre que nessa sociabilidade, a significação é produzida no contexto de alienação. “A reprodução social é o processo pelo qual os atos singulares se sintetizam em tendências históricas que desembocaram na atual sociedade capitalista” (LESSA; TONET, 2008, p.123). Assim, o desenvolvimento da sociedade se converte na intensificação das alienações, das desumanidades socialmente produzidas, ou seja, em que os sentidos são atribuídos à realidade social vigente.

Todo o sentido é sentido de qualquer coisa. Não há sentidos “puros”. Razão por que, subjetivamente, o sentido faz de certa maneira parte integrante do conteúdo da consciência e parece entrar na significação objetiva. [...] Na verdade, se bem que o sentido (“sentido pessoal”) e a significação pareçam, na introspecção, fundidos com a consciência, devemos distinguir esses dois conceitos. Eles estão intrinsecamente ligados um ao outro, mas apenas por uma relação inversa da assinalada precedentemente; ou seja, é o sentido que se exprime nas significações (como o motivo nos fins) e não a significação no sentido. (LEONTIEV, 1978, p. 104)

Nesse aspecto pretendemos realizar uma reflexão sobre os significados e os sentidos do esporte, em especial os explicitados na literatura da sociologia crítica do esporte. Tal literatura objetiva discutir e explicitar os significados do esporte procurando vinculá-lo às elaborações sociais para entender os sentidos e as significações produzidos

historicamente pela sociedade. Essa crítica ao esporte tem por objetivo evidenciar tais significações para que a classe trabalhadora possa vislumbrar outras possibilidades de produção do esporte, inclusive com sua superação, ou seja, que suas compreensões ocorram de forma crítica, entendendo que as ideias hegemônicas podem ser reelaboradas, pois é o homem que faz sua própria história.

Nosso objetivo é investigar como as categorias de significado e sentido se expressam na prática social da cultura corporal e seu processo de gênese no esporte moderno, isto é, sua significação. Utilizamos para análise as seguintes obras: *Educação física: "ensino e mudança"* de Elenor Kunz; *Sociologia Crítica do Esporte*, de Valter Bracht (2005); *Reinventando o Esporte*, de Sávio Assis; e *Esporte, História e Sociedade*, organizado por Marcelo Proni (2002). Desta obra tomamos em análise os seguintes capítulos: "Brohm e a organização capitalista do esporte", "Guttman e o tipo ideal do esporte moderno"; e "Esporte, História e cultura". Para a análise dessas obras também realizamos estudos de outros textos que abordam o tema de estudo, o que nos permitiu uma reflexão maior, compreendendo e não destoando das obras estudadas. As críticas ao esporte moderno se fazem presentes no decorrer do artigo. O texto está organizado da seguinte forma: inicialmente expomos como os autores conceituam o esporte moderno e sua gênese, o processo histórico produzido pelo homem para suprir certa necessidade em determinado período da sociedade. No segundo momento apontamos as principais características presentes nas obras. Procuramos especificá-las na relação intrínseca com a mercadorização do esporte. Em seguida explicamos os desvios ideológicos canalizados pelo esporte moderno que asseguram a condição de estranhamento do trabalhador. Suas compensações e atividades eficazes de conservação da ordem social, concomitantemente à mitologia esportiva, que contribui para a preservação da sociedade atual, em meio aos ídolos postos como modelo de superação e de comportamento, sustentando a definição que todos os sonhos podem ser alcançados pela meritocracia, ou seja, pela ênfase no esforço individual.

O CONCEITO DE ESPORTE

Os autores da sociologia crítica não estabelecem objetivamente um conceito de esporte. Eles explicitam esse entendimento no decorrer de suas análises. Proni (2002, p.

41) valeu-se da exposição de Brohm⁴ para sistematizar a significação de esporte, que engloba quatro dimensões:

- 1) sistema institucionalizado de práticas competitivas (com predomínio do aspecto físico) delimitadas, reguladas, codificadas e regulamentadas convencionalmente, cujo objetivo é designar o melhor concorrente ou registrar o melhor desempenho;
- 2) sistema de competições físicas universalizadas aberto a todos, que se estende no espaço e no tempo sociais, cujo objetivo é medir e comparar o rendimento corporal humano;
- 3) sistema cultural dedicado a registrar o progresso corporal humano (o positivismo institucionalizado do corpo), a instituição devotada à progressão física continuada e a ininterrupta busca de superação de façanhas;
- 4) e campo de relações sociais no qual impera o espírito novo, industrial, a mentalidade do rendimento e do êxito.

O esporte surge para suprir uma necessidade. A sociedade industrial elevou transformações não apenas nos meios de produção e trabalho. Nessas circunstâncias a classe burguesa criou elementos para dominação dos trabalhadores no seu tempo de não trabalho. Brohm (in PRONI, 2002) especifica que o esporte surge historicamente na consolidação da sociedade burguesa atendendo aos interesses da classe proprietária dos meios de produção.

o esporte, tal como entendemos, i) nasce com a sociedade industrial e é inseparável de suas estruturas e funcionamento; ii) evolui estruturando-se e organizando-se internamente de acordo com a evolução do capitalismo mundial; e iii) assume forma e conteúdo que refletem essencialmente a ideologia burguesa. (BROHM, in PRONI, 2002, p. 37)

É necessária a racionalização das práticas corporais dos trabalhadores, posta pela classe burguesa para dominação de fatores sociais, tais como o aumento do tempo livre e do ócio, influenciando negativa e diretamente no processo de comunicação em uma futura possibilidade dos trabalhadores se organizarem. O esporte congrega os trabalhadores desviando a atenção de seus interesses. Proni (2002, p. 39) aponta quatro fatores que fazem surgir o esporte bem como ele assumir determinado papel no contexto social da modernidade:

- (a) o aumento do tempo livre e o desenvolvimento do ócio (que ocupa um lugar de destaque na civilização de lazer);

⁴ Jean-Marie Brohm é sociólogo, antropólogo e filósofo francês. Fundador da revista *Quel Corps*, tem escrito muitos livros e é o principal defensor da crítica radical do esporte na França.

- (b) a universalização dos intercâmbios mediante os transportes e os meios de comunicação de massa (o esporte converte-se em “mercadoria cultural” graças à sua natureza cosmopolita);
- (c) a revolução técnico-científica (que reflete-se na busca da eficiência corporal, nos novos materiais e equipamentos, inclusive no surgimento de novas modalidades esportivas);
- (d) e a revolução democrático-burguesa e o enfrentamento das nações no plano internacional (isto é, a dinâmica político-ideológica).

Como podemos observar, o esporte é produto dos novos modos de produção social, com novos padrões de vida decorrentes do processo de industrialização. Nesse contexto os jogos populares perderam força, sendo transformados em esporte. Não devemos confundir o esporte moderno com regras racionalizadas e padronizadas – e atualmente adequadas para a indústria do entretenimento –, com os jogos gregos e romanos da antiguidade. Destes últimos, os primeiros tinham caráter religioso, e os segundos tinham como mote principal a forma física para participar de eventos, como luta de gladiadores.

Na idade média, com o advento do Cristianismo, os jogos de gladiadores foram aos poucos sendo banidos por contradizerem os princípios da tradição judaico-cristã. Desta forma o entretenimento dos povos passou a ser composto por expressões corporais com regras modificáveis e variáveis de região para região, como dança, jogos, brincadeiras e malabarismos.

A partir do Iluminismo, na Alemanha, na Suécia, na França e na Inglaterra, com o advento das escolas voltadas à formação dos trabalhadores para a nova forma de organização da produção social, os jogos, os exercícios físicos e, principalmente, a ginástica, tiveram sua prática incentivada no interior destas instituições. Sob a orientação dos conhecimentos da medicina e da tradição militar, essas manifestações apresentam o propósito de ordem disciplinar, saúde e civismo, sendo que a disciplina era fundamental para a ordem fabril e necessária à nova sociedade (SOARES, 1994).

Aos poucos essas expressões corporais foram racionalizadas, transformadas em esporte moderno, sob a égide da técnica e da racionalidade do jogo e deterioração do lúdico. Percebe-se que o esporte surge na dinâmica da própria sociedade. Nesse cenário o esporte moderno se consolida pela transformação da cultura europeia das práticas corporais, espalhando-se devastadoramente pelo mundo. Os autores da sociologia crítica

do esporte analisam as características do esporte no interior do desenvolvimento dessa cultura, conforme passamos a expor.

AS CARACTERÍSTICAS DO ESPORTE

Neste tópico expomos as principais características do esporte conforme as obras estudadas.

Iniciamos com o livro de Kunz (1991), pois ele nos apresenta dois princípios gerais do esporte – a “sobrepunção” e “as comparações objetivas” – que consideramos reflexo direto do modo de organização do processo de produção da sociabilidade capitalista. Eles nos auxiliam a compreender a transformação do esporte em mercadoria ou valor de troca no processo de sua espetacularização. O autor assim descreve os princípios: o princípio de sobrepunção é a possibilidade de qualquer um vencer, buscando a vitória; o das comparações objetivas “surge justamente da necessidade de se oferecerem chances iguais a todos nas disputas esportivas” (KUNZ, 1991, p. 110). Segundo Kunz (1991), desses princípios decorrem três tendências. A “Tendência de Selecionamento” refere-se à separação dos alunos pelas suas habilidades/inabilidades esportivas, utilizando critérios como idade, sexo, e biótipo físico. A “Tendência da Especialização” foca em uma modalidade esportiva com o intuito de se obter uma boa técnica esportiva e alto grau de rendimento. Logo, conduz à redução ao máximo do repertório de modalidades esportivas oferecidas. A “Tendência da Instrumentalização” refere-se aos acréscimos na performance, às regras e métodos que levam ao melhor rendimento.

Pillati (2002), ao descrever o esporte a partir da obra de Guttmann, ressalta a característica da secularização. “O esporte é um fenômeno secular. A ligação entre o secular e o sagrado foi quebrada; entre o real e o transcendental também. O esporte não é mais um tempo de ritual.” (PILLATI, 2002, p. 67) Essa característica manifesta também a ideia de “igualdade de chances”, pois nos jogos antigos acreditava-se que o resultado era decisão divina. A igualdade seria proporcionada pelas regras, iguais para todos, acreditando que com regras idênticas há possibilidades de os indivíduos tornarem-se semelhantes. Pillati (2002) aponta que a oportunidade da prática esportiva

para todas as raças e gêneros possibilita abolir qualquer tipo de discriminação e aproximar as classes sociais.

Outra característica que articula os autores é a da especialização. Para Guttmann (in PILLATI, 2002) essa característica não serve aos jogos primitivos, uma vez que as regras não eram pré-definidas. Atualmente a especialização corresponde à mecanização da atividade do homem, à divisão do trabalho, ou seja, o tempo de trabalho do atleta em um tempo de especialização. Proni (2002) concorda que a especialização esportiva é produto da divisão do trabalho na busca do máximo rendimento no esporte. Cada atleta tem sua função expressa nitidamente, da mesma forma que os operários têm funções pré-determinadas na produção global.

Os eventos esportivos da atualidade possuem uma relação direta com as regras impostas na prática competitiva. Essas regras não são de orientação religiosa – instrução divina –, conforme eram nos jogos primitivos. As regras do esporte moderno consolidam um mecanismo de obrigação aos participantes que não pode ser modificado, universalizando-as, induzindo seu aceite mesmo que desleais e injustas. A esse elemento Guttmann (in PILLATI, 2002) e Bracht (2005) referem-se como Racionalização e Rigauer (in BRACHT, 2005) como Racionalidade Técnica. Este último apresenta a ligação direta entre a racionalização do esporte de rendimento e o trabalho da sociedade atual.

A configuração desse processo de organização esportiva, assim como a administração, o desenvolvimento do controle esportivo, o controle de produção de espetáculo e a racionalização atual são determinados pelas organizações responsáveis por cada esporte, que muitas vezes são definidas pela mídia – transformando-os em produto dos meios de telecomunicação, principalmente a televisão. Para essa característica Guttmann (in PILLATI, 2002) utiliza a expressão burocratização. Brohm (in PRONI, 2002, p.41-42) a nomeia de princípio de Organização Burocrática, entendendo que “o esporte reproduz, do ponto de vista da organização e da superestrutura ideológica, o modelo burocrático de sociedade capitalista (legitimando a reprodução de hierarquias sociais)”.

Nesse conjunto de características podemos mencionar a quantificação definida por Guttmann (in PILLATI, 2002), diretamente vinculada à contagem, à mensuração,

ou seja, à quantificação desenvolvida pelo sistema esportivo e dada pela invenção do cronômetro, que permitiu não só mensurar a performance atlética como a sua comparação com outros atletas e a busca da melhor performance e métodos para melhorar o desempenho. Transforma o atleta vencedor em um ser fragmentado. Proni (2002) não menciona essa característica, mas não deixa dúvidas que sua análise corrobora com a de Guttmann:

O nascimento do moderno esporte de competição está relacionado com a introdução da medição, em especial a cronometragem. Note-se que a mensuração exata dos resultados e comparação da *performance* dos atletas em diferentes ocasiões não faziam parte das competições atléticas antigas. O mesmo sucede com o treinamento, que se converteu num sistema científico de melhorar o desempenho do organismo. Por isso, na era industrial, o esporte transformou-se na “materialização abstrata do rendimento corporal”. (PRONI, 2002, p. 37)

Outra especificidade do esporte é expressa por Brohm (in PRONI, 2002), o princípio de rendimento, a produção do sistema esportivo que origina mercadorias, sendo este o movedor do esporte. Bracht (2005) a traz como rendimento físico técnico, como elemento que é transformado em mercadoria e assume empreendimento com fins lucrativos, com proprietários e vendedores de força de trabalho, submetidos à lei de mercado. Rigauer (in BRACHT, 2005) a aborda como rendimento, citando sua ligação direta com a característica do trabalho através da execução repetitiva e sobrecarga. O rendimento opera como mecanismo de hierarquização social dos níveis de habilidades, possibilidade de promoção por mérito individual.

O caráter de competição e de concorrência é analisado por Brohm (in PRONI, 2002, p. 34-35) quando aborda o esporte enquanto mercadoria, ou seja, “[...] a instituição da competição física que reflete estritamente a concorrência econômica e industrial”. As mudanças do sistema esportivo desde sua gênese foram orientadas, neste caso, pelos fins econômicos objetivados pela classe dominante. Ou seja, a disputa entre os esportistas e organizações reflete a situação do mercado, entre os produtores e consumidores com objetivo de lucro.

A busca do Record, indicada por Guttmann (in PILLATI, 2002), é uma das características apenas do esporte moderno. A busca do máximo rendimento torna o



recorde similar a uma medida da capacidade produtiva almejada; o esporte é uma corrida contra o relógio – o tempo capitalista.

Rigauer (in Bracht, 2005) destaca a disciplina como uma particularidade do esporte que visa a modelação e o controle dos corpos, em que a beleza e a estética apresentam-se como atributos dos indivíduos. Bracht (2005), com base na análise de Adorno e Foucault, assinala que “[...] nas relações de vida de cada indivíduo, para, através da *disciplinação* e *controle*, através *manipulação* e *treinamento*, torná-lo um membro (uma peça) da sociedade. (BRACHT, 2005, p. 45)

A mercadorização do esporte cresce cotidianamente, inserindo a lógica do mercado nas atividades esportivas de lazer e esporte-espetáculo. Segundo Bracht (2005, p.16), podemos citar um esquema dual: “a) *esporte de alto rendimento ou espetáculo*; b) *esporte enquanto atividade de lazer*”, que são diferenciados pelos aspectos formais e de sentido interno de ações. A expressão “esporte-espetáculo” está diretamente vinculada à expressão “alto rendimento”, que transforma o esporte em mercadoria com o apoio dos meios de comunicação de massa. O esporte de alto rendimento ou espetáculo carrega consigo características do setor produtivo, que submetido às leis de mercado gera fins lucrativos.

Na compreensão da trajetória social do esporte entendemos que o significado de mercadorização expressa a lógica da mercadoria para a prática do lazer, no sentido de consumo e no sentido de espetáculo esportivo (PRONI, 2002). Notamos a mercadorização no âmbito da prática esportiva embasada pela perspectiva higienista, valorizando os hábitos de higiene e saúde através das mudanças culturais da concepção de corpo e criação do valor da esportividade, com a finalidade de um corpo jovem, saudável e produtivo para maximização da força de trabalho. Esses elementos foram lançados pelas novas tecnologias de comunicação de massa e a “produção de mercadorias com base em seu valor de troca, regulamentadas pelas leis de mercado com produtor e consumidor definidos”. (BRACHT, 2002, p. 197)

As transformações ocorridas no esporte são decorrência da organização da sociedade moderna e industrial, bem como das novas tecnologias que influenciam as mudanças na forma de organização, de produção e comercialização de bens.

O sistema esportivo é analisado por Brohm sob o conceito de “processo de produção esportivo”, o qual se insere em um sistema de produção dado (capitalista) produzindo “mercadorias” muito particulares: campeões, espetáculos, recordes, competições. (BROHM, in PRONI, 2002, p. 34)

Bracht (2005) considera que o esporte burguês tem fins determinados pela alta classe capitalista, onde o record e o profissionalismo deixam claro que o esporte não é neutro. Porém, essa classe não quer que tal condição seja revelada à classe popular, que a mesma compreenda que suas práticas corporais estão subsumidas aos ditames dos valores que são expressão da essência do capitalismo.

Betti (1991, p. 50), ao discutir o processo de relação entre o esporte e os princípios da sociedade capitalista, observa que o mesmo

reproduz as relações humanas no capitalismo, já que sua essência é a competição, mas de maneira transformadora. Embora nutrido-se das relações de produção capitalista, o esporte tende a desenvolver-se automaticamente, e converteu-se na lógica abstrata da competição, no “modelo formal perfeito” das formas de competição entre os seres humanos. (BETTI, 1991, p. 50)

Essa relação entre o esporte espetáculo e esporte na atividade de lazer amplia a mercadorização através de instalações esportivas e o ambiente no qual a prática esportiva é realizada, não perdendo a sua forma legítima, suas relações com saúde, prazer e sociabilidade. (BRACHT, 2005) Em especial, o processo de produção tem a função de produzir campeões. Porém, Brohm (2002) afirma que esse produto não é essencial para a vida na sociedade, uma vez que ocupa o tempo de lazer das pessoas de forma alienada. (in PRONI, 2002, p. 36)

O sistema esportivo em vias de mundialização é o reflexo da universalização e da extensão para todas as formações sociais do globo do modo de produção capitalista, porque as categorias mercantis correspondentes a este modo de produção determinam as leis de funcionamento do sistema esportivo.

Assim, essas leis se tornam fundantes da ideologia que visa seus interesses no esporte como seu produto.

OS DESVIOS IDEOLÓGICOS DO ESPORTE

Analisaremos como os autores tratam os desvios ideológicos estabelecidos pelo esporte como forma de alienação de massa e manutenção da ordem social estabelecida, impondo valores e comportamentos para a sociedade.

Bracht, com base nos estudos de Helmer, aponta a contribuição do esporte para a alienação do trabalhador. Tal contribuição ocorre principalmente por dois aspectos:

a) por um lado, em torno do tema da função da compensação do esporte, isto é, uma abordagem científica que entende as atividades esportivas de massa como uma forma de comportamento compensatório [...] b) por outro lado, em torno do tema da manipulação das necessidades e dos desejos dos instintos de conformidade com os interesses do dominante capital monopolista. (HELMER in BRACHT, 2005, p. 34)

O autor ressalta que com a modificação do sistema esportivo a partir da década de 1960, inspirados pela teoria crítica frankfurtiana, estudiosos do esporte formularam novas críticas ao esporte moderno. As críticas ao esporte mais destacadas foram:

a) a tese da coisificação ou alienação. Essa tese resumidamente propõe que a sociedade e os homens não são aquilo que em função de suas possibilidades e sua natureza poderiam ser. Isso transparece nas sociedades industriais principalmente no mundo do trabalho. Como causa, temos um tipo de pensamento que se efetiva na razão instrumental ou racionalidade técnica. Isto é, as relações sociais em seu conjunto são norteadas por uma razão instrumental, coisificando-as;

b) a tese da repressão e manipulação. De acordo com essa tese, a sociedade moderna altamente tecnologicada, industrializada e desenvolvida, representa um sistema de repressão, dominação e manipulação. (BRACHT, 2005, p. 28-29)

Marcuse (in BRACHT, 2005) também critica o esporte de rendimento, defendendo a tese da repressão. Argumenta que a sociedade industrial capitalista está orientada pelo ilimitado ganho de prazer e felicidade e que o rendimento torna corpo e alma instrumentos do trabalho alienado.

Após expor essas críticas, Bracht (2005, p. 29-30) assinala que inúmeros autores, entre eles Brohm, Rigauer, Vinnai e Bohme, levantam a crítica da instrumentação burguesa do esporte, que caracterizam como:



- a) um sistema de ação coisificado e em conformidade com o trabalho;
- b) um instrumento de repressão das necessidades;
- c) como um fenômeno de manipulação e adaptação, sendo que tal adaptação dar-se-ia, por sua vez, pelas funções de compensação, socialização e integração cumpridas pelo esporte.

Bracht (2005, p. 34) afirma que “se esporte de alto rendimento é trabalho, e trabalho na sociedade capitalista é trabalho alienado, então alienação também é o que acontece no esporte de alto rendimento.”

Bracht (2005) argumenta que a função do esporte na sociedade capitalista é estabilizar o sistema como um todo, amortecendo as funções sociais que permitem uma compensação para as precárias condições de subsistência. As ações esportivas canalizam as energias necessárias para uma transformação social em um agir agressivo no sistema esportivo.

Assis (2001, p. 15) também destaca esse processo ao afirmar que “na formação do corpo dócil, disciplinado, apolítico, acrítico e alienado” está umas das funções do esporte. Ele também serve de pano de fundo para o mascaramento dos problemas sociais, políticos e culturais, como na ditadura militar, em que, enquanto alguns eram incentivados pela seleção brasileira de futebol na copa de 1970, ao mesmo tempo outros, que eram opositores do regime, eram presos, torturados e até mortos.

Brohm (in PRONI, 2002) observa que o esporte moderno tem suas relações e funções sociais econômicas, sociopolíticas e psicossociais. A primeira função social é a econômica: o mercado esportivo se iguala aos outros tipos de mercado, o esportista vende sua força de trabalho, posto que a finalidade das relações de produtores e consumidores do mercado esportivo gera fins lucrativos, ou seja, os esportistas assumem a responsabilidade financeira obtida através dos olhares apaixonados dos torcedores influenciados pela grande indústria midiática. O autor assevera que a função sociopolítica do esporte ocorre pela transmissão do movimento olímpico e campeonatos mundiais. Dita o comportamento dos indivíduos, vangloria o nacionalismo, aproximando as classes sociais e omitindo os problemas derivados da sociedade capitalista. Também assinala a função psicossocial do esporte moderno, que permite às massas descarregar a energia psíquica agressiva, contribuindo para o equilíbrio nervoso dos trabalhadores. O esporte atua como uma válvula que extravasa as situações

turbulentas, em compensação do trabalho alienado. Ao mesmo tempo em que o trabalhador descarrega suas energias negativas no esporte, “o espetáculo esportivo induz à ‘regressão [...] intelectual’ (cretinização, superstição, falta de crítica)”. (Brohm in PRONI, 2002, p. 50)

O esporte em si, além de contribuir para estabilizar o sistema capitalista, não tem a função de conhecimento, simplesmente induz o deslumbramento nas tabelas de campeonato, nos ídolos esportivos e nos comentários midiáticos. Esses elementos são limitados perante outros tipos de cultura como a arte, a dança e o teatro, que permitem renovação e maior visão de mudança (BRATCH, 2005).

Brohm (in PRONI, 2002, p. 31-32) refere-se aos desvios ideológicos do esporte como a exploração do atleta e sua utilização como propaganda política.

esses desvios refletem a ambientação do esporte a um mundo organizado em torno do capitalismo industrial (...) e a utilização do esporte como aparelho ideológico do estado (que se manifesta na transformação do espetáculo em meio de distração das massas, desviando os homens adultos de uma participação política consciente).

O esporte, por fazer parte da cultura popular, se torna um conjunto de representações coletivas, em que os maiores esportistas são tidos como heróis, capazes de ações heroicas, comprovando seus atos através de medalhas e recordes e exaltando-as principalmente através da mídia (PRONI, 2002). Ratificando essa significação, Brohm (in PRONI, 2002, p. 50) utiliza as seguintes palavras: “o universo esportivo está povoado mitologicamente de heróis.”

Com o alcance do resultado além do esperado, os esportistas viram referência como pessoa, como modelo de superação e como exemplo de comportamento, ou seja, esses fenômenos humanos são considerados como não humanos ou super-humanos (BRATCH, 2005).

Sobre o processo da “mitologização” do esporte, Assis (2001, p. 91) observa que

A ideologia do mais vale competir do que ganhar deixou de refletir o interesse geral. É preciso vencer, sim, a qualquer custo, as massas desejam recordes que igualam os esportistas aos super-heróis patrocinados por grandes empresas, que investem em tecnologia para esses homens aprimorados correrem cada vez mais, nadarem cada vez mais, pularem cada



vez mais e venderem cada vez mais os produtos que são consumidos pelas massas.

A exaltação desses heróis cria um problema de individualidade social em que, manipuladas pelos meios de comunicação, as pessoas vivem alienadas e impregnadas pela sociedade capitalista (PRONI 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que o esporte moderno é fruto da sociedade capitalista, ou seja, suas características condizem ao mundo do trabalho e são intrínsecas à sociedade vigente. Nas obras estudadas o significado de esporte que mais se apresenta é o de sua mercadorização, transformação em espetáculo, ou seja, objeto de consumo. Essa sedução que é da multidão tem algumas finalidades determinadas pelo modelo de sociedade em que nos encontramos – a obtenção de lucro através da esfera econômica, conservação da sociedade, “desvios ideológicos”, mudanças na concepção de corpo. Da assimilação da significação surgem os sentidos do esporte, apropriados, divulgados e influenciados pelo consumo exacerbado e posto pela mídia, como benefícios em relação à saúde, à diversão e compensação psíquica.

Porém, no formato que os significados e sentidos são postos atualmente não contribuem para uma sociedade que pretende ser mais equânime, visto que são utilizados na intensificação do trabalho alienado, a serviço da produção, eficácia e eficiência, características que o trabalhador precisa para se efetivar no dinâmico e devastador meio de produção, em que o trabalhador é representado como nada, e o produto como tudo.

A sociedade capitalista não resolverá os problemas que enfrentamos nessa relação: saúde, educação, esporte, emprego, etc. Desse modo, o esporte está longe de atender às necessidades da sociedade, da maioria da população – a classe trabalhadora –, porque o esporte é burguês. Todavia, intentamos contribuir para a possibilidade de promover e esclarecer ações que elevem a consciência da sociedade, considerando caminhos diferentes para uma transformação social do esporte.

Nesse caso, pensar as possibilidades de outro esporte exige apor como objetivo que a população construa a cultura e o lazer e não apenas os consuma ou compre.

Construa a sua própria autonomia em uma perspectiva crítica, ou seja, que ela resgate as práticas tradicionais, negando as transformações esportivas/consumistas. Mas reconhecemos que isso é difícil, se considerarmos os acontecimentos no âmbito da produção e consumo da cultura.

ABSTRACT

The contact with world of sport happens soon to the human being, through the media, especially television, which brings different views for each viewer. These environments establish specific relationship with the sport, in which each individual appropriates the meanings and senses. In this respect, our aim is to investigate how the categories of significance and sense are expressed in the social practice of body culture and his process of genesis in modern sport, that is, its meaning. However of this study we intend to contribute to the possibility to promote and clarify actions that raise awareness of society, considering different paths to social transformation of the sport.

KEYWORD: *Sport; Significance and sense; Social transformation of the sport.*

RESUMEN

El contacto con el mundo del deporte ocurre muy pronto para los seres humanos, a través de los medios de comunicación, especialmente la televisión, que trae diferencias a cada espectador. En estos ambientes se establece una relación específica con el deporte, en el que cada individuo se apropia de los significados y sentidos. En este sentido, nuestro objetivo es investigar cómo las categorías de importancia y significado se expresa en la práctica social de la cultura del cuerpo y el proceso de génesis en el deporte moderno, es decir, su significado. Cada pista de este estudio intentamos contribuir a la posibilidad de promover y aclarar las acciones que aumenten la comprensión de la sociedad, teniendo en cuenta diferentes caminos para la transformación social del deporte.

PALABRAS CLAVES: *Deporte; Significados y sentidos; Transformación social del deporte.*

REFERÊNCIAS

ASSIS, S. *Reinventando o esporte*. Campinas: Autores Associados, 2001.

MAURO, B. *Educação física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.

BRACHT, V. Esporte, história e cultura. In: PRONI, M.; LUCENA, R. (Org.). *Esporte: História e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. *Sociologia Crítica do Esporte*. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

SAVIANI, D.; DUARTE, N. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. In: *Revista Brasileira de Educação*, V.15, n. 45, p. 422-433, set/dez, 2010.

KOSIK, K. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KUNZ, E. *Educação física: ensino e mudanças*. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.

_____. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1994.

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. 2 ed. São Paulo: Editora Moraes, 1964.

LESSA, S.; TONET, I. *Introdução à filosofia de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MALINA, A.; CESARIO, S. *Esporte: fator de integração e inclusão social?* Campo Grande: UFMS, 2009.

MARINHO, V. *O Esporte pode tudo*. São Paulo: Cortez, 2009.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

PILATTI, L. A. Guttmann e o tipo ideal do esporte moderno. In: PRONI, M.; LUCENA, R. (Org.). *Esporte: História e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002.

PRONI, M.; LUCENA, R. *Esporte: História e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002.

SOARES, C. L. *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2001.

Bruno Beloli Milioli
Rua General Lauro Sodré, nº 159, Bairro Comerciário/ Criciúma – SC
bruno.milioli@gmail.com

Bruna Carolini De Bona
Rodovia SC 445 – Km 44, s/n, Bairro: Santa Luzia/ Siderópolis - SC
brunacarolinidebona@hotmail.com

Vidalcir Ortigara
Rua Almirante Barroso, nº 80. Apto 402, Bairro Comerciário/ Criciúma - SC
vdo@unesb.net